

~~Amo~~ A ameaça nuclear tem sido um dos aspectos mais debatidos no Conselho de Interação e no seu Comité Político. Foi esse o primeiro ponto tratado no encontro de Roma.

O arsenal nuclear tem capacidade para destruir dezenas de vezes o planeta. Esse arsenal, embora esteja, na maior parte, nas mãos das duas super-potências, está hoje distribuído por vários países ~~que~~ já possuem a bomba nuclear ou têm as condições necessárias para a ~~terem~~ ^{possuírem}. Quem sabe fazer centrais nucleares em que a fissão do átomo é controlada, sabe também fazer bombas nucleares (ainda que elementares) em que o poder destrutivo resulta exactamente dos processos em cadeia gerados pela fissão não-controlada. ~~China, Índia, Paquistão,~~ ^{Francia, Inglaterra,} Brasil, Argentina, África do Sul, Israel, Líbia (e quantos mais?) são pontos do mundo onde há a tecnologia e, em alguns casos, já o armamento que permite dizer que também a partir deles, como a partir das super-potências, por acidente ou por erro, uma guerra nuclear pode deflagrar. ~~A ameaça nuclear pode tornar-se uma realidade se as paixões desencadeadas pelos fundamentalismos que percorrem o planeta não forem controladas pelo bom senso, pelo respeito pela vida e por negociações inadiáveis.~~ A referência recente feita pelo Paquistão à possibilidade de utilização da "bomba islâmica" foi um alerta que não pode ser sub-estimado.

~~M~~ O desarmamento nuclear é assim, neste quadro, um objectivo que os dirigentes religiosos não hesitaram em partilhar com os dirigentes políticos. Fizemo-lo de forma concreta: pedimos aos Estados Unidos e à União Soviética que honrem os compromissos dos Tratados que assinaram em anos recentes e que cheguem a acordo quanto a cortes substanciais nos níveis de armas estratégicas, mantendo negociações para cortes ainda maiores num futuro próximo. ~~E pedimos também a todos os países que considerem como uma necessidade ética e política a redução das despesas em armamento.~~

inserir ~~na~~ ^{na} pag. seg. (A) [

~~134~~ ~~Por isso,~~ Na reunião de Roma, ficou bem claro que a paz, para adquirir o sentido positivo que deve ter para a humanidade e que, nos seus fundamentos, tem ^{de facto,} para todas as religiões, deve assentar " num processo contínuo de diálogo e de capacidade de compreensão dos pontos de vista dos outros". Fomos unânimes em afirmar que este espírito de procura de entendimento e de diálogo atento não tem só que ver com as duas super-potências mas deve permear "todos os contactos internacionais e todas as áreas da sociedade".

A

~~134~~ A opção "duplo zero" (eliminação dos mísseis nucleares de médio e de curto alcance, situados em território europeu, quer no Ocidente quer nos países de Leste), agora na mesa das negociações das duas super-potências é um passo importantíssimo ^{para a paz.} ~~para a paz que o Conselho de InterAcção há muito vinha afirmando como necessário.~~ É face a questões deste tipo que ganha sentido o que recentemente foi (pelo Conselho afirmado em Kuala-Lumpur: "Os aliados dos Estados unidos (e os aliados da União Soviética) podem dar uma contribuição substancial (face) às questões de redução de armamento que dizem respeito a toda a humanidade".

~~134~~ A par da ameaça nuclear, pesa também sobre a humanidade a ameaça de um colapso económico global de que o problema da dívida externa de numerosos países é um dos sinais mais evidentes. Por isso, no encontro de Roma, debruçámo-nos também sobre a actual desorganização da economia mundial: a instabilidade das taxas de juro; o facto de os Estados Unidos terem passado em poucos ^{anos} de maior país credor a maior país devedor, atraindo os capitais dos países em desenvolvimento; a má gestão económica e a ausência de políticas integradas e de prioridades claras na condução do relançamento económico dos países devedores; o estrangulamento do comércio internacional devido ao proteccionismo dos países industrializados aos seus próprios produtos; as condições de empréstimo das organizações financeiras internacionais.

A nossa preocupação visou, no entanto, mais longe que os mecanismos económicos. É que, como o Conselho de InterAcção disse claramente em Kuala-Lumpur, "a situação da economia mundial produz um estado de anarquia em muitos domínios, com consequências gravíssimas para a grande maioria da população do globo". É o ser humano e a sua dignidade fundamental que está no cerne da urgência e da insistência que pomos na resolução dos problemas económicos.

Concentrámos, no encontro de Roma, a nossa atenção no problema da dívida, pelas implicações que tem para as condições de vida das populações. Desde há muito que é claro para o Conselho de InterAcção que o problema da dívida não é unicamente um problema dos países devedores. Em Maio de 1984, em ~~Brioni~~, o Conselho afirmou, sem ambiguidade, que "o problema da dívida foi criado conjuntamente por actos e decisões de todas as partes, devendo, por isso, ser partilhada por todos a responsabilidade de procurar soluções".

Fundação Cuidar o Futuro

~~10~~ Os dirigentes religiosos afirmaram conosco, em Roma, que ~~IPD~~ RAZOES

5

~~Os~~ Os dirigentes religiosos afirmaram conosco, em Roma, que "por razões de ordem moral, política e económica, a humanidade deve emvidar todos os esforços para criar uma estrutura económica mais equitativa, de modo a eliminar a pobreza abjecta que aflige seres humanos em conta pelo mundo fora." E, referindo-se explicitamente às exigências postas pela dívida externa, deram uma indicação de grande significado para a tomada de decisão dos dirigentes políticos de todos os países e, em particular, dos países devedores:

"O serviço da dívida não pode ser realizado à custa da atrofia da economia do país devedor;"

6
e nenhum governo pode moralmente
pedir ao seu povo privações incom-
patíveis com a dignidade humana."

Para os católicos, esta indicação
não é nova: a nota recente da
Comissão Pontifícia Justiça e Paz
sobre ^o valores éticos e a dívida
externa não se exprime
claramente nesse sentido ~~mas~~ ^{como}
fornece um quadro de referências
explícito à consciência cristã. Mas
é significativo que haja acordo,
no plano ^{Fundação Cuidar o Futuro} espiritual, entre tradi-
ções religiosas tão diversas. E que
esse acordo reforce o que política-
mente aparece já como uma
norma: a solidariedade que nos
une é a da defesa da vida e da
dignidade humanas.

O que quero fazer ressaltar
 das duas graves situações da
 história actual, ^{que foram apreciadas pelos dirigentes religioso e políticos} é ~~o exactamente~~
^{facto} de termos atingido um ponto da
 vida no planeta em que tudo
 se torna interdependente.
 São interdependentes as pessoas
 e os povos nos complexos
 mecanismos que regem os
 seus contactos, as suas relações,
 as suas trocas.

São ^{Fundação Cuidar o Futuro} interdependentes também
 os vários domínios da vida
 humana. O pensamento religioso
 não pode manter-se alheio à
 situação dos homens e aos
 problemas políticos que os
 separam e potencialmente os
 podem aniquilar — quer esses
 problemas sejam os da
 ameaça nuclear quer sejam

8

o q̄ resultam de uma economia gerida pelos mais fortes e, por isso, desequilibrada e impotente face à pobreza de milhões de pessoas.

Tão pouco ~~também~~ o pensamento político ~~seu~~ pode seguir ~~a sua~~ ^{uma} lógica de "vençador a todo custo" que as condições actuais tornaram obsoleta. Se a interdefinição conduz, de forma objectiva, todas as estruturas em q̄ actua o poder político, é aos valores morais da solidariedade que a política tem de ir buscar a sua inspiração mais autêntica.

José Pinheiro
17 Maio 1987